

SEM TERRA

BOLETIM INFORMATIVO DA CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE AOS AGRICULTORES SEM TERRA

CARTA DOS COLONOS ACAMPADOS EM RONDA ALTA

" Nós somos mais de 500 famílias de agricultores que vivíamos nesta região (Alto Uruguai), como pequenos arrendatários, posseiros da área Indígena, peões, diaristas, meeiros, agregados, parceiros, etc.. Desse jeito já não conseguíamos mais viver, pois trãs muita insegurança e muitas vezes não se tem o que comer. Na cidade não queremos ir, porque não sabemos trabalhar lá. Nos criamos no trabalho da lavoura e é isto que sabemos fazer.

Muitos de nós já se inscreveram três, quatro ou cinco vezes na sede da Fazenda Sarandi para conseguir um pedaço de terra. No ano passado recorremos aos políticos e ao Secretário da Agricultura e nada conseguimos. Fomos aos sindicatos e estes pouco puderam fazer. Como não temos a quem recorrer, resolvemos acampar na beira da estrada para ver se em conjunto conseguimos uma solução.

Estamos muito mal alojados, muitos até passam fome e frio, mas estamos dispostos a ficar aqui até conseguirmos terra que precisamos para trabalhar como colonos.

Sabemos que tem terra no Estado para todos nós e para muitos mais que como nós também precisam, só que estas terras estão na mão dos ricos que não precisam delas para viver. Muitos deles até moram na cidade, como é o caso de vários que se apossaram de grande parte da Fazenda Sarandi que foi desapropriada para os colonos, mas acabou sendo entregue pelo governo para amigos dele que não precisam. Só estas terras dá para todos nós e muito mais gente.

Como agricultores achamos que temos o direito a ter um pedacinho de terra para plantar alimentos para nossas famílias e para os da cidade. Não queremos a terra dada, queremos pagá-la com o nosso trabalho.

Muita gente do governo veio aqui para fazer nós desistir oferecendo emprego pelo salário mínimo, e terras no norte, de onde estão voltando nossos companheiros que foram levados para lá. Também muita gente veio nos dar apoio, muitas entidades e até sindicatos nossos e várias igrejas, etc...

Solicitamos seu apoio, do jeito que der, para esta nossa luta. Ficamos muito contentes e agradecidos com esse seu apoio, pois que remos ficar aqui acampados até conseguirmos nossa terra para trabalhar."

" PREÇO DA PAZ, É TERRA E JUSTIÇA PARA TODOS "

" TERRA PARA QUEM TRABALHA NELA "

CARTA DECIDIDA EM ASSEMBLÉIA EM 15 DE MAIO DE 1981.

VEJA COMO APOIAR NA ÚLTIMA PÁG.

S E M T E R R A

Estamos apresentando o primeiro número deste Boletim Informativo que, dentro de suas atribuições, uma é a de manter constantemente informados todos os colaboradores desta campanha de solidariedade, através de suas entidades representativas - sindicatos e federações de trabalhadores rurais e urbanos, comunidades de base e demais entidades a nível nacional - bem como a opinião pública em geral através dos meios de comunicação - jornal, rádio e televisão. Outra, é a de ampliar ainda mais esta campanha, levando-a a todas as regiões do Estado e País.

O Boletim circulará periodicamente, na intenção de manter "aceso o fogo que clareia" as reivindicações dos trabalhadores rurais e, também, veicular todas as manifestações de apoio e solidariedade que tem recebido. Servirá, ainda, para que os agricultores renovem o seu apelo à sustentação desta luta e, ao mesmo tempo, manifestem o seu profundo e comovido agradecimento aos que nela, de uma forma ou outra, já estejam empenhados.

Publicamos neste primeiro número, a "Carta dos Colonos de Ronda Alta" que, por nós, representa mais do que mil palavras tentando justificar esta humilde contribuição na luta desse povo.

O Movimento de Justiça e Direitos Humanos e a Comissão Pastoral da Terra - CPT, RS, são as entidades responsáveis por esta publicação. A colaboração fica por conta de todos!

HISTÓRIA DE UM POVO OPRIMIDO

I. Situação - Há quase dois meses, mais de quinhentas famílias de agricultores sem terras, totalizando cerca de 3.000 pessoas, estão acampadas na beira da estrada que liga Passo Fundo a Ronda Alta, junto à encruzilhada Natalino; são originários de Sarandi, Ronda Alta, Constantina, Nonoai, Rodeio Bonito, Planalto, Iraí, Rondinha e Liberato Salzano.

Eram arrendatários, parceiros, meeiros, agregados, peões de granjes e filhos de pequenos agricultores; perderam a possibilidade de continuar na terra, expulsos pela máquina, pela ganância dos grandes proprietários, pela falta de trabalho, enfim, pela política agrícola do governo.

O acampamento se estende por mais de um quilômetro de estrada, amontoando-se eles em barracas de lona, de capim, de pedaços de madeira e sacos de cimento ou adubo, penduradas nos barrancos.

II. Condições - As condições de sobrevivência são precárias: falta do mínimo necessário em utensílios, acomodações, camas, agasalhos, alimentação e assistência médico-social. Além disso, a falta de perspectiva de uma solução concreta, as pressões do governo, as intimidações através de policiais, do Exército ao frequentemente sobrevocar o acampamento, a difusão de boatos,

tensão, de desconfiança, de temor, não favorecendo, psicologicamente o trabalho de organização, de união e apoio mútuo.

Algumas famílias já abandonaram o local, substituídas por outras que chegam, encontrando uma situação tensa e difícil.

III. Sustentação - Os recursos próprios dos colonos estão se esgotando; muitos, há muito tempo já dependem da ajuda de outros ou de auxílio de fora.

De Porto Alegre, como resultado da campanha inicial, lançada quando da vinda de uma comissão de agricultores a esta Capital, foi um caminhão de agasalhos e mantimentos no dia 11 último; esta semana deverá chegar mais um caminhão de alimentos, arrecadados junto aos agricultores do município de Guaporé.

A Diocese de Chapecó, Santa Catarina, enviou 5 mil quilos de farinha e mil quilos de açúcar e sal.

A Diocese de Passo Fundo vai desenvolver uma campanha em todas as paróquias, e na cidade de Passo Fundo já tem um caminhão de roupas depositadas na Cáritas local.

Com relação a agasalhos, a situação - é relativamente tranquila (talvez se faça necessário mais no inverno, especialmente em colchões e cobertores)

A alimentação arrecadada dá para resistir, no máximo, por duas semanas

IV. Assistência Médica - Apesar das promessas do governo, não existe assistência médica e de saúde efetiva; o atendimento no Posto de Saúde ou no hospital de Ronda Alta, distante 18 km do acampamento, é difícil; já tem acontecido de colonos gastarem R\$ 1.000,00 em corrida de carro para ir até Ronda Alta buscando atendimento médico. É necessário a instalação de um posto de assistência médica e ambulatório permanente, junto ao acampamento.

V. Organização - Nesta caminhada de sofrimento e de lutas, estão surgindo novas lideranças entre os agricultores; a Comissão Central está atualmente formada por oito membros e os trabalhos junto ao acampamento vêm sendo realizados por subcomissões ou grupos; assim, existe uma comissão encarregada do controle e distribuição de roupas e mantimentos (donativos); outra comissão está encarregada do saneamento (fonte d'água, lixo, etc.); além disso, formaram-se pequenos grupos para discussão e reflexão.

Os agricultores estão, ainda, empenhados em conseguir através dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Ronda Alta e Passo Fundo, um espaço nas emissoras do rádio locais para divulgar informações e leitura de manifestações de solidariedade que vêm recebendo.

VI. Repressão - Para ressaltar as pressões e outros métodos de intimidação além da presença constante de policiais militares, domingo último, por ocasião de uma procissão realizada pelos agricultores, foram identificados dois agentes da Polícia Secreta (DOPS) infiltrada na procissão; quando os agricultores insistiram na identificação dos dois estranhos, estes fugiram embarcando num Volks azul, placa de Ronda Alta, arrancando em grande velocidade.

dade com perigo para os que estavam no ato religioso, aumentando, ainda mais a angústia e desespero daquela gente.

VII. O que querem os Colonos? - Terra para trabalhar; que se cumpra a lei que assegura aos colonos o direito a um pedaço de terra em que possam viver com suas famílias e que, também, obriga o poder público a promover e criar condições para que todo o agricultor tenha acesso à terra, de preferência no local onde habita.

1. Proposta do Governo: emprego para determinado número de agricultores em estações experimentais.
2. Proposta do INCRA: levá-los para o Mato Grosso, Acre, Roraima e Serra do Ramalho (BA).
3. Resposta dos Colonos: a) oferecimento do governo: tentativa de repetir a experiência do nordeste de criar frentes de trabalho temporários para dispersar o pessoal, sem compromisso com uma solução definitiva; ademais, houvesse condições de trabalho nestas estações a ponto de necessitar de cerca de 300 agricultores, abrigan-do-os em casas, o Estado, então, estaria dispendu de grandes áreas de terras que podem ser aproveitadas no assentamento de agricultores; eles vêem tal proposta como um "engêdo", meio de desorgani-zar o movimento, após o que seriam desempregados.

b) proposta do INCRA: o Governador do Estado já constatou as precárias condições das famílias levadas para o Mato Grosso e abandonadas pelo próprio INCRA; muitas já voltaram e outras não retornaram por falta de recursos.

Na Serra do Ramalho, os próprios baianos, expulsos de suas terras pela barragem de Sobradinho a quem se destinavam a área proposta, saíram do projeto por falta de condições.

O Projeto de Colonização de Peixoto, no Acre, está também com problemas, denunciados pela Prelazia do Acre-Purus, pois os posseiros daquele Estado não têm acesso à terra e há sérias irregularidades na distribuição dos lotes.

Em Roraima, na fronteira com a Guiana, de difícil acesso, as terras se prestam mais à pecuária, exigindo recursos para manutenção e investimentos.

O certo é que, apenas, são bem sucedidos os agricultores que possuem recursos suficientes; os outros que conseguiram alguma coisa em percentual reduzidíssimo, foram por sorte. A maioria é obrigada a abandonar a terra transformando-se em peões e assalariados das grandes empresas e fazendas - propósito implícito e desejado pelo governo.

TRABALHADORES E POVO EM GERAL APOIAM
A LUTA DOS COLONOS

"No transcorrer dessa nossa luta, que já passam 60 dias, temos recebido o apoio, o conforto, a coragem e a solidariedade de muitos irmãos trabalhadores, de muitas entidades e de muitas pessoas.

Queremos dizer que vosso apoio é que tem ajudado a gente a se manter unido e com força."

A CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE NO ESTADO E PAÍS

Trabalhadores da Bahia Apoiam a Luta dos Agricultores Sem Terras

Santa Maria da Vitória, 9 de maio de 1981.

Prezados Companheiros:

É com grande prazer que respondamos a sua carta datada do dia 29 de abril de 1981, pela qual nos empenhou um relato em que estão sendo vítimas da falta de reforma agrária ampla e imediata para os trabalhadores rurais acampados na RS-324, que liga Passo Fundo a No noai. Isto é um retrato do Brasil de hoje, porque aqui em Santa Maria, Coribe e regiões vizinhas continua aumentando o número de trabalhadores rurais sem terra, enquanto é a mesma situação daí. Muitas terras concentradas na mãos dos grandes.

... Os trabalhadores aqui têm conseguido algumas vitórias através de sua união para resistir na defesa de seus direitos.

... Nós aqui em Santa Maria reunidos num encontro nos dias 8, 9 e 10 de maio presentes 91 delegados e dirigentes sindicais, representando 8 municípios, enviamos nossa solidariedade a vocês companheiros de Passo Fundo. Em anexo, segue nota sobre o problema mais recente da região. Levamos ao seu conhecimento que estamos enviando também telegrama ao governador do Rio Grande do Sul, solicitando terra para os nossos irmãos.

Aproveitamos a oportunidade para enviar nossas recomendações sindicais.

- (a) Sindicato de Santa Maria da Vitória - Ba., Sindicato de Coribe-Ba., Sindicato de Carinhanha-Ba., Sindicato de Correntina -Ba., Sindicato de Bom Jesus da Lapa-Ba., Sindicato de Paratinga-Ba., Sindicato de Santana-Ba., Sindicato de Canápolis-Ba., FETAG - BA, C P T - Bom Jesus da Lapa, P S M - Projeto Sócio-Medicinal de Correntina - Ba.

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Crissiumal

... Somos solidários a todos os colonos que nesta hora suplicam por um pedacinho de terra para morar e para cultivar. Nada mais injusto e desumano existe do que cruzarmos os braços e nada fazermos pelos nossos irmãos que clamam por justiça social. Para que milhões e milhões de hectares de terra aos que não são agricultores, em prejuízo de milhões e milhões de agricultores sem um hectare de terra?

Unidos haveremos de sensibilizar àqueles que de direito e competência podem resolver esse grave problema, e que até o momento não o fizeram. Por isso, essa comissão pode contar com o nosso irrestrito apoio. (...)

(a) ANTONIO SCARPATO

PRESIDENTE

Sindicato dos Bancários Apóia Colonos Sem Terra

Marginalizados e esquecidos, encurralados pelo Sistema e torturados pela fome, os trabalhadores sem terra, acampados à beira da estrada do Município de Ronda Alta, recusaram a proposta do Governo que implicava na perda do último atributo que lhes resta para continuar na luta pelo direito de trabalhar em terra própria, de morar em casa própria, de alimentar-se com o fruto de seu trabalho.

Propõe o Governo que os trabalhadores sem terra perdessem a dignidade; propõe o Governo, através de eufemismos, que os trabalhadores sem terra se submetessem a uma expulsão do Rio Grande do Sul ou que aqui ficassem em regime de semi-escravidão, nas chamadas fazendas experimentais.

Diante disso, o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, de público, manifesta seu apoio a luta dos trabalhadores sem terra, juntando-se assim a postura assumida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ronda Alta que está solidário com seus representados, numa demonstração clara de desatrelamento da máquina do oficialismo que busca descaracterizar o movimento, sempre atendendo os interesses das minorias latifundiárias.

Estamos igualmente, ao lado do padre Arnildo Fritzem que, resistindo a toda espécie de pressões, presta assistência religiosa aos trabalhadores sem terra de uma forma humilde e corajosa.

O trabalhador brasileiro não mendiga as sobras, ele exige justiça.

(a) Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos

Bancários, de Porto Alegre.

Comissão Pastoral da Terra (C.P.T) - GOIÂNIA-GO

... Ficamos conhecendo, nestes dias, as dificuldades, os problemas os sofrimentos e o desrespeito que estão sofrendo ao longo da Rod. RS-324.

Condenamos o procedimento que as autoridades do Estado estão assumindo diante dos problemas de vocês.

Repudiamos a solução que o governador do Estado está querendo dar aos trabalhadores rurais sem terra do Estado do Rio Grande do Sul.

Exigimos que se destine, imediatamente, um pedaço de terra para resolver o problema das 500 famílias acampadas ao longo da RS-324 e, a médio prazo, se

faça a Reforma Agrária para atender as necessidades das 100 mil famílias gaúchas e as milhares de famílias brasileiras sem terra.

A vocês a nossa solidariedade e o nosso apoio. Estamos unidos a vocês nesta luta e estamos dispostos a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance, para o mais rápido possível achar uma solução para o drama que estão vivendo.

Permaneçam unidos e organizados, pois a vitória depende muito da união e da organização de vocês.

(a) Derci Pasqualotto

Secretariado Nacional da Comissão Pastoral da Terra.

Solidariedade Recebida

- 168 sindicatos de trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul, reunidos no Encontro Estadual de Sindicatos, promovido pela FETAG-RS.
- Todos os bispos do Rio Grande do Sul, reunidos no dia 14 e 15 de maio no Seminário Maior de Viamão.
- Federação dos Trabalhadores Rurais do Paraná.
- Diocese de Chapecó - SC.
- Comissão Pastoral da Terra, secretariado nacional.
- Comissão Pastoral da Terra, regional centro-sul de Goiás.
- Federação dos Trabalhadores Rurais da Bahia.
- Comissão Pastoral da Terra, de Bom Jesus da Lapa-BA.
- Sindicatos de Trabalhadores Rurais dos seguintes municípios da Bahia: Santa Maria da Vitória, Coribe, Carinhanha, Correntina, Bom Jesus da Lapa, Paratinga, Santana e Canápoles.
- Trabalhadores rurais de Sarão do Cotegipe-RS.
- Comissão Regional das Barragens, composta pelos sindicatos de trabalhadores rurais de Marcelino Ramos, Sananduva, Maximiliano de Almeida, Viadutos, da CPT-SC e CPT-RS.
- Comissão Pastoral da Terra-SC.
- Assembléia Geral dos Trabalhadores de Torres.
- Movimento de Colonos sem terra da Fazenda Burro Branco, Campo-Grê, Santa Catarina.
- 66 líderes de Comunidades de Base de Campo-Grê.
- INTERSINDICAL, que reúne Sindicatos de Trabalhadores urbanos da Região Metropolitana de Porto Alegre.
- Sindicato dos trabalhadores em Vestuários de Porto Alegre.
- Oposição Sindical dos metalúrgicos de São Leopoldo.
- Oposição Sindical dos Metalúrgicos de Porto Alegre.
- Sindicato dos metalúrgicos de Novo Hamburgo.
- Associação dos Professores da Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS.
- Centro de documentação - CEDOPE da UNISINOS - São Leopoldo.
- Abaixo-assinado de todas Comunidades Rurais do Município de Torres-RS

Campanha de Sustentação Econômica

Estão realizando campanha de sustentação econômica as seguintes entidades:

- Diocese de Passo Fundo
- Diocese de Chapecó
- + Comunidades Eclesiais de Base de P. Alegre
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guaporé
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ronda Alta
- Sindicato dos Bancários de Porto Alegre
- Oposição Sindical da Construção Civil de Porto Alegre
- Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, Cachoeirinha
- Comunidade Católica da Lomba do Pinheiro, Viamão
- Comunidade Católica de Vila Restinga - Porto Alegre
- Paróquia Santa Rita de Guaporé - Porto Alegre
- Grupo de Jovens da Área Sul-praias - Porto Alegre
- Colégio Sèvigné - Porto Alegre
- Colégio Anchieta - Porto Alegre
- Comunidade Católica de Vila Tronco - Porto Alegre
- União dos Moradores das Vilas de Viamão
- Grupos de Jovens da Área Norte - Porto Alegre
- Paróquia de Cachoeira do Sul

Visitas no Acampamento

- Bispo de Passo Fundo, Dr. Cláudio Colling
- Intersindical - Porto Alegre
- Sindicato dos Bancários de Porto Alegre
- Movimento Contra Carentia - MCC
- Grupo de Estudos Agrários - GEA
- Associação Gaúcha dos Médicos Residentes
- Comunidades Eclesiais de Base de Canoas
- Comunidades Eclesiais de Base de Cachoeirinha
- Pastoral Universitária de Porto Alegre
- Movimento de Justiça e Direitos Humanos
- Diretório Acadêmico de Teologia - PUC/RS
- Movimento Justiça e Não-Violência
- Comunidade Irmãs de Jesus Crucificado
- Associação dos Moradores Vila Fátima - Cachoeirinha
- Associação dos Moradores Vila União Operária - Canoas
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguaí
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bento Gonçalves
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo

- Delegação de Agricultores de Farroupinha
 - Delegação de Agricultores de São Francisco de Paula
 - Delegação de Agricultores de Palmeiras das Missões
 - Delegação de Agricultores de Rodeio Bonito
 - Delegação de Agricultores de Três Passos
 - Delegação de Colonos sem Terra, expulsos da Reserva Indígena de Guarita, nos Municípios de Miraguá e Tenente Portela
 - Delegação do Movimento de Colonos sem Terra, que ocuparam a fazenda Burro Branco, o ano passado, no município de Campo Erê - Santa Catarina
 - Delegação da Assembléia Diocesana de Chapecó
 - Comissão Pastoral da Terra de Santa Catarina
 - Delegação de Agricultores do Barão de Cotegipe
 - Associação de Moradores da Vila União Operária - Canoas
-

UM ALERTA DOS TRABALHADORES RURAIS DA BAHIA

Os sindicatos de Trabalhadores Rurais da Bahia, que enviaram manifestações de solidariedade aos agricultores de Encruzilhada Natalino, são representantes dos trabalhadores rurais baianos, expulsos de suas terras pelas águas da Barragem de Subradinho. Estes trabalhadores foram reassentados no projeto do INCRA, na Serra do Romalho, no estado da Bahia, do qual desistiram por não apresentar as condições necessárias.

Agora, o INCRA propõe aos agricultores gaúchos o seu deslocamento para este mesmo projeto.

A mensagem dos agricultores baianos serve de alerta à classe trabalhadora do campo, para que ninguém mais seja enganado pelas propostas do INCRA.

Yokota cansou de repetir: — Não há terras no Estado

Não há terras no Estado. Só isso sabem repetir os porta-vozes do governo, com o objetivo de forçar uma solução de agrado dos grandes latifundiários, que e mandar os colonos gauchos para outras regiões fora do Rio Grande do Sul. Mas os agricultores acampados na Encruzilhada Natalino sabem que há abundância de terras improdutivas nas mãos dos latifundiários em nosso Estado e por isso lutam para ficar. A reportagem a seguir publicada pelo jornal Zero Hora sobre o encontro entre quatro agricultores e o presidente do INCRA reflete a vontade dos colonos de não serem enganados oposta a intransigência do governo.

△ REUNIÃO COM OS COLONOS FRACASSOU

Foi um fracasso completo. Depois de uma hora de reunião com os quatro agricultores que representavam os colonos acampados em Ronda Alta, o presidente nacional do Incra, Paulo Yokota, sentiu-se desiludido. Os agricultores Olmiro de Jesus Ferreira, de 50 anos, Saul Marchiori, de 23 anos, Iraci Pezenatto, de 25 anos, e Loureci de Fátima Oliveira, de 30 anos, estavam revoltados e prometiam "continuar a luta", mantendo-se acampados e reivindicando terras para serem reassentados, dentro do Rio Grande do Sul. Diante do próprio Yokota, quando percebeu que as posições mantinham-se irreduzíveis, um deles, Saul Marchiori, chegou a fazer uma ameaça velada ao presidente do Instituto. "Nós vamos lá dar a sua resposta negativa aos companheiros. Mas não sei o que pode acontecer. Só gostaria é que o senhor fosse junto com a gente, dizer lá para o pessoal que não tem terras para nós aqui no Estado".

Aparentando cansaço, depois de uma manhã dedicada a palestras com variados interlocutores, sem ter almoçado antes das 15 horas, diante dos colonos o presidente do Incra manteve-se coerente com a pregação feita durante todo o dia de ontem. "Não há terras disponíveis no Estado", declarou ele. "Quem quiser candidatar-se ao reassentamento promovido pelo Incra poderá ir para o Acre, para o Mato Grosso, para Roraima, mas aqui não tem jeito". Reforçando a declaração Yokota ainda argumentou que os agricultores gaúchos, por certo, estariam em situação melhor do que se encontram aqui se fossem para o norte do País. Ponderou que dos gaúchos que tomaram este rumo em épocas passadas "apenas uns 20% ou 30% não se adaptaram". E tentou provocar os representantes dos colonos: "É claro que não é nenhum paraíso o que estou oferecendo e, por isso, é necessária uma boa dose de coragem para enfrentar essa situação nova". A estratégia não deu certo: os colonos ficaram firmes na posição de não aceitarem terras fora do Estado.

Inverno

Habilmente, Yokota contra-atacou, esgrimindo um argumento pinçado nas conversas matinais com os deputados do PDS. E procurou tocar os sentimentos dos agricultores, lembrando-lhes que se aproxima o inverno e a época das chuvas no Estado. "Vocês não vão expor as suas crianças a este sofrimento, vão?" Com a nova frustração, Yokota passou a atacar e a achar "estranha" a posição de inflexibilidade dos colonos, irritando-se com facilidade frente ao raciocínio lógico e simplista dos agricultores e até mesmo praticando exercícios de ironia com um dos representantes de Ronda

Alta, a quem insistia em chamar de "doutor". Até o metódico e calmo Orgênio Rott, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetag), foi arrancado de sua aparente falta de participação na questão e acusou Yokota de não deixar nenhuma saída para os colonos, a não ser abandonar o Rio Grande do Sul. "O senhor está dizendo, o dia inteiro, que o governo não vai obrigar ninguém a ir para a Amazônia. Mas não deixa outra saída. A não ser ficar aqui, sem terra, passando fome. Rapidamente vamos chegar ao caos".

O clima de desacordo instalou-se na reunião desde seu início. O primeiro colono a falar, Olmiro de Jesus Ferreira, expulso da área indígena de Nonoi em 1978, reclamou que foi um dos primeiros a se candidatar ao reassentamento na Fazenda Sarandi, há três anos. Mas que nunca foi chamado para ocupar sua terra, embora, na época, lhe tenha sido prometida solução em 45 dias. "Então, eu quero saber, seu Paulo, se não fui reassentado porque eu não tenho dinheiro". Confuso, Yokota voltou-se para Alcione Burin, delegado Regional do Incra, de quem recebeu uma resposta vaga, mencionando a opção de Olmiro por não sair do Estado. E, enquanto ordenava que Burin verificasse o caso de Olmiro, Saul Marchiori fazia uma acusação mais direta: "Tem política no meio do reassentamento. A fazenda Sarandi é muito grande. Se quisessem resolver o nosso problema, era só tirarem, desapropriarem as terras dos que estão lá arrendando. Meu pai foi reassentado há 18 anos. Naquele tempo, era direito cada um ter um pedacinho de terra". Nesse momento, Yokota perdeu a paciência: "Que direito à terra é esse, doutor? Que lei é essa? Me tragam o Estatuto da Terra aqui, quero ver ele achar o texto desta lei. O fato é que nós estamos oferecendo terras para vocês fora do Estado e vocês estão irreduzíveis, estranhamente irreduzíveis".

Amazônia

Saul respondeu que existem áreas de sobra aqui no Estado e rebateu a imediata alegação do presidente do Incra ("Tem áreas com donos, produzindo, e que só poderiam ser compradas se eles quisessem vender") com outra questão: "Então, se eu tenho dinheiro suficiente, eu compro toda a área do Rio Grande do Sul e não dou explicação para ninguém. O senhor acha isso justo?" Yokota, rápido, respondeu com o punho fechado sobre a mesa: "Olha, doutor, eu ofereço meu emprego, minha vida, se isso acontecesse. Essa situação de se comprar todo o Rio Grande é uma hipótese descabida. Temos que ser claros e objetivos." Com o Gravador ligado diante de Yokota, Loureci Oliveira indagou por que o governo fazia tanta força para mandar os colonos para fora do

Estado: "Será que só quer ficar com os ricos aqui?" O presidente do Incra lembrou que muitos pequenos agricultores tinham ido para a Amazônia, mas Loureci expôs um argumento quase incontestável. "Eu sei, seu Paulo. Eu também fui. Só que voltei, como voltou 70% dos que lá estavam comigo". Novamente Yokota não se conteve: "Pois eu me demito agora mesmo, se realmente voltou 70%".

Sem conseguir encontrar respostas para outras interrogações (do tipo da que foi feita por Iraci Pezenatto perguntando se "quando encher o país vão mandar os pobres para o estrangeiro?", Yokota ouviu os agricultores discorrerem sobre os motivos contrários à sua ida para a Amazônia, nos quais incluíram a falta de fertilidade das terras e a ocorrência de doenças como a malária. "Se é para a gente morrer, a gente morre aqui mesmo", disse Saul, fazendo o presidente do Incra desfiar um rosário de reportagens de jornais e revistas do centro do País com entrevistas de colonos gaúchos satisfeitos com a Amazônia. "Eu vi na televisão muita gente, lá, falando contra", respondeu o colono, lembrando que o próprio governador Amaral de Souza e deputados gaúchos foram ao Mato Grosso, verificando a má situação dos agricultores. "Aquilo ali foi exploração política", disse Yokota. "Montaram um circo em cima do problema dos colonos".

Milagre

Iraci Pezenatto resumiu a decepção dos colonos explicando que ninguém esperava sair com uma solução pronta da reunião, mas aguardava-se, pelo menos, uma disposição do Incra para dialogar. "Mas o senhor só diz que não tem terra aqui e pronto. E a gente sabe que tem. Tem muita gente com imensidade de terra que não precisa, tem a Varig, tem a Fazenda Santa Rita... essa é de estrangeiro... Pois é, o estrangeiro tem mais direito que nós aqui na nossa terra. O brasileiro é burro mesmo. Tanto que tiveram que botar um japonês como o senhor para dirigir o Incra". Nervoso, Yokota prontamente negou que seja japonês ("Eu nasci aqui no Brasil") e praticamente encerrou a conversa, alegando não ter competência sobre o setor de milagres ao qual os colonos estavam querendo dirigir-se. Um colono, porém, conseguiu que ele respondesse a indagação a respeito do objetivo dos empréstimos conseguidos pelo ministro Delfim Neto na Alemanha ("Foi para vários projetos econômicos"). Mas, quando Yokota classificou a questão do colono como ideológica, o agricultor pediu para concluir. E disse que só estranhava que não houvesse, igualmente, empréstimos para financiar vários "projetos humanos", envolvendo colonos sem terra.

MANIFESTAÇÕES DOS AGRICULTORES

Sobre a solidariedade:

"São muitos os apoios e solidariedades que temos recebido. Por isso, sem querer esquecer ninguém, queremos agradecer a esse imenso esforço de todo mundo. Não vemos como uma esmola, ou um simples auxílio, mas sentimos vossa colaboração como um ombro de companheiro que nos ajuda a enfrentar a luta.

Muito Obrigado!"

Sobre a ação do governo:

"Desde que estamos acampados, muitas autoridades já nos visitaram para nos cadastrar.

Primeiro foi a Brigada Militar, depois foi a Secretaria da Agricultura, depois uma Comissão Especial do Palácio Piratini, depois o INCRA e a Secretaria do Trabalho.

Só pergunta, perguntas e nada de solução. Nós não queremos formulários, queremos TERRA!"

COMO COLABORAR NA CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE AOS AGRICULTORES SEM TERRA ACAMPADOS EM RONDA ALTA

Sustentação Econômica:

Entregue suas doações (roupas, calçados, remédios e, principalmente, alimentos não perecíveis) nos seguintes locais:

Porto Alegre, Cérneas - Av. Ipiranga, 1195

• Sindicato dos Vestuários - Rua Pinto Bandeira, 513

• As contribuições em dinheiro, deverão ser depositadas na Agência Central do BANRISUL, na conta nº 08.102145.09

Interior e outros Estados: As contribuições provenientes do interior e outros Estados, devem ser remetidas diretamente ao Movimento dos Agricultores sem Terra, - Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, Ronda Alta/RS - CEP 99.670-9

Manifestações de Solidariedades

As manifestações de apoio e solidariedade, devem ser enviadas di

retamente ao Movimento dos Agricultores sem Terra - Paróquia Nossa Senhora das Navegantes - Ronda Alta/RS - CEP 99.670.

FAZEMOS UM APELO A TODAS AS ENTIDADES DISPOSTAS A COLABORAREM NESTA CAMPANHA, PARA QUE ENVIEM MENSAGENS, COMO FIZERAM OS AGRICULTORES DE CAMPO ERÊ, SANTA CATARINA, AO GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO SUL, AO PRESIDENTE DO INCRA, PAULO YOKOTA (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - BRASÍLIA, D.F.), SOLICITANDO PROVIDÊNCIAS IMEDIATAS PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA ENFRENTADO POR ESTAS 500 FAMÍLIAS.

SEM TERRA

Boletim informativo da CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE AOS AGRICULTORES SEM TERRA.

Rua dos Andradas, nº 1234, 22º andar, sala 2209
Porto Alegre - RS CEP 91.000